ROTHA Cultural

Jornalismo para preservar histórias, memórias e identidades

Edição nº 32 - Setembro de 2026

Quando a fanfarra toca, a memória desfila

Na Emip, música, disciplina e tradição atravessam gerações e mantêm viva uma das expressões culturais mais marcantes da escola e que faz parte da história cultural de João Monlevade.

Página 3

/ROTHACULTURAL

Foto: João Vítor Simão

Cultura

de um povo que ainda hoje luta contra o preconceito

Por Flávia Henriques

Crédito: Breno Arerê



Celebração em terreiro mostra momentos de fé e devoção

O Brasil possui atualmente cerca de 203 milhões de habitantes, conforme estimativa recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desses brasileiros, pelo menos 1,8 milhão se declararam (IBGE de 2002) como pertencentes às religiões de Matriz Africana. O número cresceu exponencialmente cerca de 1,0% a 1,05% da população do país. Em relação há10 anos atrás, a evolução mostrou que o número de Umbandistas e Candomblecistas triplicou.

Conforme o IBGE, estes números podem ainda serem subestimados, uma vez que muitas pessoas, por temerem o preconceito, não se autodeclaram pertencentes às religiões de Matriz Africana. Em pleno século XXI, esta é a realidade de um povo que apesar de trazer uma carga religiosa e cultural expressiva, convivem com o medo de julgamentos alheios.

Em João Monlevade, não há diferença em relação ao quadro nacional e estadual, uma vez que a discriminação ainda persiste entre pessoas que não são tolerantes e nem se preocupam em conhecer a beleza do sagrado dos terreiros que movimentam a fé dos monlevadenses. Na cidade, pelos menos seis terreiros são frequentados estando localizados geralmente em bairros da periferia. O deslocamento desses terreiros para regiões mais simples é uma forma silenciosa da intolerância e pré-conceito enfrentados pelos pais e seus filhos de santo.

MAS AFINAL, O QUE É A UMBANDA?

Primeiro é essencial saber que as religiões de Matriz Africana são sistemas religiosos originários nas tradições espirituais de povos africanos, trazidos principalmente durante o período da escravidão. Sim, os primeiros batuques surgiram no Brasil nas senzalas espalhadas pelas fazendas de café e cana de açúcar. Tudo isso reflete em parte da cultura brasileira e combinam elementos africanos, indígenas e, em alguns casos, do catolicismo. A Umbanda cultua as entidades que são pertencentes às chamadas falanges. Ou seja, cultuam-se Pretos Velhos, Baianos, Povos das Águas (Marinheiros, Pescadores, Marujos), Caboclos, Erês e Ciganos.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Por muito tempo houve o sincretismo, hoje menos usual com o empoderamento do povo preto, que ostenta sua ancestralidade, penteados e estilo de vida. O sincretismo nada mais é do que o embranquecimento da fé preta e uma forma de sobrevivência da fé dos escravos por muitos séculos. Os santos católicos foram associados aos Orixás do Candomblé. Proibidos de cultuar suas divindades africanas pela Igreja Católica Colonial, eles associaram seus Orixás a Santos que possuíam características ou histórias de vida semelhantes. Por exemplo: Oxalá tornou-se Jesus Cristo, Ogum (São Jorge), Iemanjá (Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Navegantes em outras regiões do país), Oxum (Nossa Senhora de Aparecida ou da Conceição), Xangô (São João Batista ou São Jerônimo), Oxóssi (São Sebastião), Iansã (Santa Bárbara), Omolu/Obaluaê (São Lázaro ou São Roque), Ibeji (São Cosme e São Damião) e Exú (Santo Antônio), sim, o Santo Casamenteiro.

Ainda hoje, um exemplo vivo do sincretismo que resiste ao tempo é a lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim. O ritual é a maior manifestação de sincretismo religioso no mundo e acontece anualmente em Salvador, na Bahia. O Candomblé é uma das mais antigas e tradicionais manifestações religiosas de Matriz Africana. Cada Orixá tem características próprias e está ligado a elementos naturais. Seus rituais incluem cantos, danças, toques de tambor e oferendas (comidas de Santo).

Quando falamos do movimento religioso de Matriz Africana estamos reverenciando uma das religiões mais ricas em elementos e rituais do mundo. Devemos sempre olhar para os seus fiéis como pessoas sedentas de conhecimento e espiritualidade aguçada. Portanto, antes de discriminar, tente ser uma pessoa mais empática e até curiosa para aprender um pouco mais sobre essa Fé que move brasileiros pelo país afora. Axé!



Flávia Henriques é monlevadense, jornalista formada pelo Uni-BH e Umbandista/Candomblecista

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHA CULTURAL - **Fundador e editor: Erivelton Braz**
Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA
Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br
CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.500 exemplares
João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa
Colaboradores desta edição:
Flávia Henriques

Quando a música atravessa gerações

Da antiga Fanfarra do Colégio Estadual à nova Banda Marcial Maestro José Antônio Pereira, João Monlevade preserva uma tradição de disciplina, memória e pertencimento

Fotos: Reprodução



Quem viveu em João Monlevade em outras décadas talvez reconheça, antes mesmo de ver a corporação, o som de uma fanfarra se aproximando. O toque distante dos instrumentos, o ritmo ganhando corpo, os músicos uniformizados marcando o compasso. Para muitos, é lembrança de infância; para quem integrou o grupo, é memória em movimento: ensaios, amizades, disciplina e a descoberta de que fazer música é também aprender a conviver.

É nesse território que se insere a nova fase da Fanfarra da Escola Municipal Governador Israel Pinheiro (Emip). No dia 13, em Guaxupé (MG), a corporação conquistou quatro primeiros lugares no Campeonato Estadual Mineiro de Bandas e Fanfarras. O resultado que veio acompanhado de uma mudança histórica: o grupo passa a se chamar agora, Banda Marcial Maestro José Antônio Pereira, homenagem ao músico regente que, por décadas, formou gerações de estudantes e morreu em 2022. Pereira, como era conhecido, era muito querido nas rodas de samba e blocos de carnaval de Monlevade e região.



José Antônio Pereira em ação, regendo a Fanfarra da Emip

A tradição, porém, vem de mais longe. Registros da Câmara Municipal mostram que a antiga Fanfarra do Colégio Estadual já vencia campeonatos na década de 1970, sob acompanhamento da professora Maria Efigênia Ferreira Arantes, a Dona Lelê. A Emip, fundada por volta de 1975, tornou-se herdeira dessa história e hoje reúne 53 integrantes entre estudantes e voluntários — reconhecidos em 2024 com Moção de Aplausos da Câmara Municipal.

Muito mais que ensinar música, uma fanfarra ensina a ouvir o outro, respeitar o tempo do grupo e entender que um erro individual afeta o coletivo. É disciplina, cooperação e, para muitos alunos, o primeiro contato com um instrumento, despertando o sentimento de pertencer a algo maior. Agora, como Banda Marcial, a corporação assume arranjos polifônicos e maior exigência técnica, somando-se a uma trajetória de títulos que já inclui o pentacampeonato mineiro conquistado em 2026.



Sabores do Queijo reúne música, gastronomia e cultura em Rio Piracicaba

Festival movimenta a cidade de sexta a domingo e coloca em evidência a produção cultural e gastronômica do Médio Piracicaba

Divulgação



Orquestra Big Band Funcec faz show especial ao meio dia de domingo



Rio Piracicaba se prepara para um fim de semana em que a praça vira palco, o queijo vira símbolo e a cultura ocupa o centro da cidade. Entre sexta-feira (25) e domingo (27), a Praça Maria do Rosário Caldeira recebe o Festival Gastronômico Sabores do Queijo, reunindo gastronomia, música, esporte e encontros que ajudam a contar a história da região.

IDENTIDADE EM FOCO

O queijo é o ponto de partida, mas o festival é muito mais do que um evento gastronômico. Em três dias de programação, Rio Piracicaba afirma sua identidade: valoriza seus produtores, celebra suas tradições e abre espaço para que a cultura regional dialogue com nomes de projeção nacional.

Entre as atrações, a Orquestra Big Band Funcec, se destaca como uma das principais referências da produção musical do Médio Piracicaba. A apresentação acontece no domingo (27), às 12h, com arranjos marcantes e repertório que percorre clássicos da música brasileira e internacional. A Big Band é uma das principais expressões do que a própria região produz e sua presença no festival reforça isso.

MÚSICA E SABORES

O concerto da Big Band Funcec será durante ao meio dia e integra a proposta do festival de aproximar gastronomia e cultura. Depois da apresentação, às 14h, o público poderá acompanhar a Radiant Jazz, seguida do show de Natália Mendes às 16h.

Mas a programação musical do Festival começa na sexta-feira (25), com DJ Cristiano, às 21h. Às 23h30, o palco recebe o Só Pra Contrariar. Na sequência, a Banda Urbana 2 encerra a noite. No sábado (26), a programação começa ao meio-dia, com a abertura do festival e diversas atividades culturais. À noite, às 23h30, será a vez do Nenhum de Nós se apresentar seguida de LS Jack.

No domingo, mais cedo, tem a Corrida de São Miguel, prevista para as 8h, antes da programação musical na praça.

Quando o Congado reencontra a história

Há manifestações culturais que não precisam de palco. Talvez seja justamente quando saem dele, voltando para onde nasceram: as ruas, as igrejas, as famílias, as festas. É aí que revelam toda a sua força.

Por Erivelton Braz

O Congado é assim. Não vive apenas nos instrumentos, nos uniformes ou nos passos marcados, mas na fé de quem aprendeu a acompanhá-lo desde criança, nas histórias contadas pelos mais velhos, naquilo que uma geração transmite à outra, muitas vezes sem perceber a dimensão do legado.

Por isso, o encontro da Guarda de Congado de Rio Piracicaba com os idosos do Lar Padre Pinto foi muito mais do que uma apresentação: foi um reencontro com a própria história. Entre os moradores está um ex-congadeiro. Ouvir de novo os tambores, reconhecer os cantos, acompanhar os movimentos da guarda — há experiências que permanecem dentro de nós e que um som, um gesto, basta para despertar.

O Congado ocupa lugar central na formação cultural de Minas Gerais porque reúne fé, ancestralidade, música e vida comunitária — uma tradição que sobrevive porque foi ensinada pela convivência. Antes de estar nos livros, esteve na voz dos mais velhos; antes de virar patrimônio, já era vida.

É preciso lembrar disso ao falar em preservação: preservar não é guardar, é manter em movimento, permitir que a tradição siga encontrando quem a receba e a transmita. Por isso, quando uma guarda entra num lar de idosos, os moradores deixam de ser espectadores e voltam a ser participantes cantam, dançam, revivem.

Há uma palavra essencial quando penso em patrimônio: pertencimento. Ninguém preserva de verdade aquilo que não sente como parte de si. Podemos criar leis e inventários, mas nenhuma política de patrimônio basta se as pessoas não reconhecerem valor no que está sendo protegido.

Naquele dia, os tambores não levaram apenas música. Levaram histórias, fé e a chance de reunir gerações em torno de uma expressão que pertence à identidade de nossa gente. O Congado não apenas visitou o lar dos idosos: reencontrou pessoas que também fazem parte de sua história.



(*) Erivelton Braz é Mestre em Letras,Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural



Integrantes do Congado durante visita ao Lar de Idosos em Padre Pinto

Divulgação

DIRETÓRIO REGIONAL DOS CONGADOS PROMOVE PRIMEIRO ENCONTRO DE MESTRES E CAPITÃES DA REGIÃO

Evento realizado em Rio Piracicaba reuniu cerca de 150 participantes e reforçou o trabalho de integração, formação e valorização das tradições do Congado no Médio Piracicaba e em municípios da região.

O Diretório Regional dos Congados realizou, no dia 12 de setembro, em Rio Piracicaba, o I Encontro Regional de Mestres e Capitães do Congado, uma iniciativa inédita da entidade voltada à valorização daqueles que exercem papel fundamental na condução, organização e transmissão dos saberes das Guardas de Congado.

O encontro reuniu aproximadamente 150 pessoas, entre mestres, capitães, congadeiros, representantes das guardas filiadas e integrantes do Diretório Regional. Durante a programação, os participantes tiveram a oportunidade de compartilhar conhecimentos, experiências, práticas e expressões próprias de seus grupos, fortalecendo o diálogo entre diferentes gerações e tradições.

Um dos destaques da programação foi a presença do Mestre Dirceu, de Ribeirão das Neves, que contribuiu com sua experiência e conhecimento sobre o Congado e sobre a missão desempenhada pelos mestres e capitães. A atividade contou ainda com a participação de Rubens Júlio Soares dos Santos, presidente do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Rio Piracicaba e membro do Diretório Regional dos Congados, que colaborou com as discussões relacionadas à preservação, salvaguarda e valorização do patrimônio cultural.

Mais do que uma atividade formativa, o encontro representou um importante espaço de escuta e troca de saberes. Mestres e capitães puderam apresentar aspectos das tradições mantidas em suas comunidades, evidenciando que, embora cada Guarda possua características próprias, todas compartilham o compromisso com a fé, a ancestralidade, a memória e a continuidade do Congado.

A realização do primeiro encontro específico para mestres e capitães representa mais um avanço nesse processo. São essas lideranças que, dentro das Guardas, possuem importantes responsabilidades na organização dos grupos, na condução dos cortejos e rituais e, principalmente, na transmissão dos conhecimentos recebidos das gerações anteriores.

O trabalho desenvolvido pelo Diretório Regional tem como princípio respeitar a identidade e a autonomia de cada Guarda, reconhecendo que o Congado se manifesta de diferentes maneiras em cada comunidade. Ao mesmo tempo, a articulação regional possibilita que os grupos estejam mais próximos, compartilhem desafios e construam conjuntamente estratégias para a continuidade da tradição.

Flitabira celebra 75 anos de Claro Enigma e leva Drummond ao centro do debate contemporâneo

De 29 de outubro a 1º de novembro, a sexta edição do festival tem como tema "A Máquina do Mundo em Nós" e reúne escritores, artistas e a cidade de Itabira

Há 75 anos, Carlos Drummond de Andrade publicava Claro Enigma, uma das obras mais densas de sua trajetória. Em 2026, o livro volta ao centro das atenções em Itabira, cidade natal do poeta. Agora, não como simples celebração, mas como ponto de partida para pensar o presente. É desse encontro entre literatura, memória e contemporaneidade que nasce o tema da sexta edição do Flitabira, o Festival Literário Internacional de Itabira: "A Máquina do Mundo em Nós". O evento acontece de 29 de outubro a 1º de novembro, no Teatro da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, com programação gratuita.

Reprodução



Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade receberá os eventos durante a Flitabira

A inspiração vem do poema "A Máquina do Mundo", em que um caminhante se depara com a possibilidade de compreender os segredos do universo e opta por seguir seu caminho sem aceitar a revelação. Para o idealizador do festival, Afonso Borges, é justamente nessa recusa que mora a força filosófica do poema, eleito em 2000 pela Folha de S.Paulo o melhor poema brasileiro de todos os tempos.

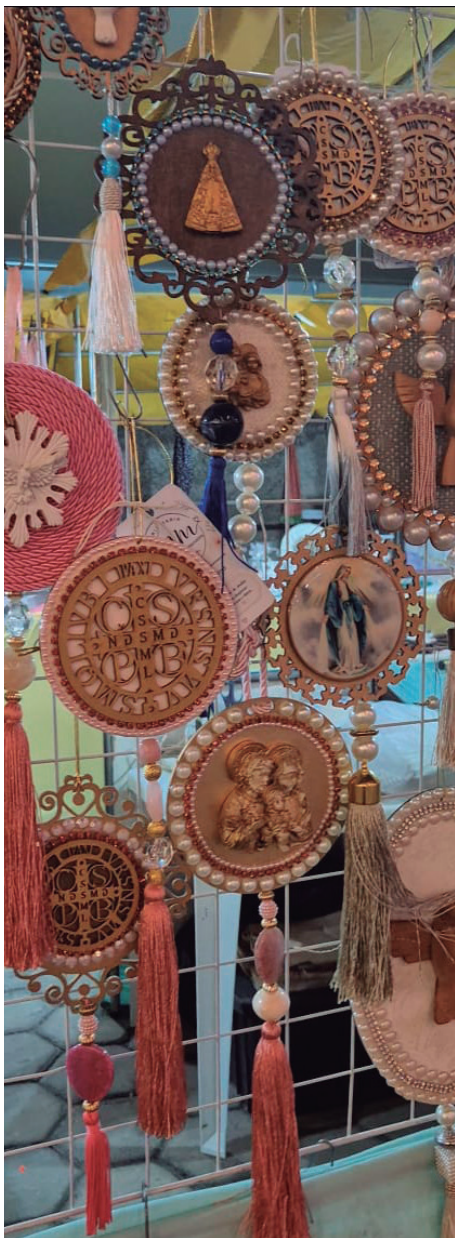
A programação reunirá nomes como Conceição Evaristo, Pedro Bial, José Miguel Wisnik, Fabrício Carpinejar e Geraldo Carneiro, em mesas, leituras e lançamentos, mantendo como diretriz a diversidade racial e de gênero. Em frente ao teatro, a Livraria do Flitabira e a Central de Autógrafos ampliam o espaço dedicado à economia criativa local, reunindo artesãos, produtores e pequenos negócios da cidade.

O dia 31 de outubro, aniversário de Drummond, será um dos pontos altos: Wisnik apresenta uma aula-espetáculo sobre "A Máquina do Mundo" e Pedro Bial faz leitura de poemas. Está previsto ainda um encontro em homenagem a Dona Tita e Dona Rosinha, figuras da cultura negra itabirana recentemente falecidas, além da estreia do espetáculo de dança "Claro Enigma", que incorpora a Libras à própria linguagem coreográfica.

O festival também chega às escolas, com o Prêmio de Redação e Desenho e distribuição de exemplares de Claro Enigma, e adota princípios de sustentabilidade e acessibilidade, com Libras, audiodescrição e prioridade a fornecedores locais. Em 2025, a quinta edição reuniu cerca de 30 mil pessoas; para 2026, o investimento da Vale, via Lei Rouanet, é de R$ 1,4 milhão.

Ao completar seis edições, o Flitabira transforma os 75 anos de Claro Enigma numa chance de reencontro entre Drummond e sua cidade e mantém aberta a pergunta deixada pelo poeta numa estrada de Minas: diante da possibilidade de compreender tudo, o que fazemos com o que ainda não sabemos? Confira programação completa no site do Rotha Cultural, através do QRCode:





Economia Solidária amplia espaço e aposta em cultura

Centro Público passa a funcionar todos os fins de semana e busca se consolidar como ponto permanente de artesanato, gastronomia e cultura em Monlevade

O Centro Público de Economia Popular Solidária de João Monlevade inicia uma nova etapa: o que antes acontecia mensalmente passa a ocupar todos os fins de semana, com feira às sextas (16h–22h) e sábados (7h–14h), acompanhada de programação cultural permanente. A proposta, segundo a vice-presidente da Associação dos Artesãos (Solidariarte), Elaine de Andrade Oliveira, é transformar o espaço em um lugar de encontro e valorização de quem produz na cidade e na região — música, literatura, artes visuais, congados e outras expressões culturais somadas à gastronomia e ao artesanato.

A mudança coincide com três datas simbólicas: os 25 anos da Solidariarte, os 13 anos da feira e os dois anos de ocupação do espaço atual. A história começou em 2013, nas ruas, entre elas a Lila Bicalho, em frente à Igreja Sagrado Coração de Jesus, até que reclamações levaram a uma audiência pública e à conquista de uma estrutura própria. "Quem reclamou nos fez um grande favor", resume Elaine, com bom humor.

Hoje, conforme Elaine, cerca de 66 empreendedores participam do movimento: produtores de alimentos, agricultores familiares, quitandeiros e artesãos, número que já chegou a 140 entre 2018 e 2019. Uma edição da feira pode movimentar até R$50 mil, entre empreendedores de Monlevade e de cidades vizinhas do Médio Piracicaba.

Uma emenda parlamentar de R$150 mil garantiu a cobertura do galpão, um palco fixo e 50 jogos de mesas e cadeiras, estrutura que agora sustenta uma programação cultural contínua. Para Elaine, a Economia Solidária é mais do que venda de produtos: envolve autogestão, cooperação e valorização do trabalho autoral, distinta do comércio ambulante.

O projeto de longo prazo é chegar a um funcionamento diário, com estandes fixos e presença constante dos produtores, incluindo o Centro Público no roteiro turístico da cidade, um ponto onde trabalho e cultura se encontram para ajudar a contar a história de João Monlevade.

Fotos: Divulgação







Espaço da Feira vira ponto de cultura em Monlevade com programação semanal

Cinco histórias que ajudam a contar a educação de João Monlevade

Medalha Paulo Freire reconhece trajetórias que atravessam a sala de aula e revelam diferentes formas de educar, acolher e transformar vidas

Acom/CMJM



Educadoras recebem Medalha Paulo Freire na Câmara de Monlevade

A educação nem sempre acontece diante de um quadro ou de uma carteira escolar. Ela também está no cuidado de quem prepara uma refeição, no acolhimento de uma criança, na gestão de uma escola, na dança, no esporte, na arte. Foi para reconhecer essas diferentes formas de educar que a Câmara Municipal de João Monlevade entregou, neste mês, a Medalha Paulo Freire a cinco personalidades ligadas ao ensino no município: Aline Aparecida Gomes Carvalho, Cristiane Morais da Luz, Margarete Alves Zunzarren, Rita Célia Loureiro Rodrigues e Rosilene Maria Martins Machado, a Rose Machado.

Aline construiu uma trajetória entre educação especial e arte: são 24 anos na APAE de Monlevade, hoje como professora de Arte na AMEC, usando a expressão artística como ferramenta de inclusão. Cristiane mostra outra dimensão da vida escolar, menos lembrada: como auxiliar de serviços gerais e cantineira, atualmente no Cemei Luz aos Pequeninos, seu trabalho sustenta o cotidiano da escola e o acolhimento de famílias.

Margarete iniciou a carreira no Magistério em 1977 e, ao longo de quase cinco décadas, foi professora, diretora, coordenadora e docente do ensino superior — hoje dirige o CEMEI Casulo. Rita Célia soma 44 anos dedicados à Educação Infantil, passando por sala de aula, direção e coordenação, e hoje está à frente da Escola Municipal Raimundo José Caldeira. Já Rose Machado uniu educação, esporte e dança: professora de Educação Física, bailarina e coreógrafa, dedicou 31 anos à rede pública e manteve uma escola de dança por 27 anos, formando alunos-atletas e desenvolvendo projetos de inclusão.

Durante a cerimônia, o vereador Belmar Diniz comparou a educação a uma aeronave: gestores conduzem a rota, mas professores, equipes pedagógicas e demais servidores garantem o funcionamento diário. Para Leles Pontes, a medalha homenageia não só as cinco escolhidas, mas todos os educadores do município.

Ao levar o nome de Paulo Freire, a homenagem remete a uma educação que ultrapassa a transmissão de conteúdo: criar condições para que cada pessoa desenvolva autonomia e participe da sociedade. Cinco nomes, mas uma história muito maior — a de todos que, diariamente, transformam vidas através da educação.

Faça parte **do nosso time!**

HIPER COMERCIAL MONLEVADE

Está em busca de uma oportunidade de emprego? Seu lugar é aqui!

Envie seu currículo para 31 99958.6712

Vagas extensivas a 60+

Todas as vagas são **extensivas a PCD**